

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 44 — VOL. III.

Sabbado 19 de Março de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Porta da cathedral de Tarragona — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — A casa da feitoria ingleza no Porto — A expulsão dos holandezes do Brazil — Um castello gothico na Syria — Uma revolução na India portugueza, continuação — O mosteiro de Rheinau — Memorias do coração, continuação — Uma recordação — Não ames. GRAYNAS — Porta da cathedral de Tarragona — A casa da feitoria ingleza no Porto — Castello gothico proximo de Batroun na Syria — O mosteiro de Rheinau sobre o Rheno.

Historia da actualidade.

O acontecimento mais notavel que no paiz teve logar desde a publicação do precedente numero, foi a demissão do gabinete presidido pelo senhor marquez de Loulé, e a nomeação do novo ministerio, de que é presidente o senhor duque da Terceira. Esta administração confia em que terá o apoio das duas casas do parlamento.

— Em sessão da camara municipal propoz-se rescindir o contracto com a companhia do café concerto, relativamente ás noites de verão no Passeio Publico.

— Para o mesmo Passeio se annunciou a arrematação de cincoenta novos candeeiros para a sua illuminação a gaz, que este anno tem de ser muito augmentada.

— Subiu á scena pela companhia lyrica do theatro de D. Fernando, a linda opera o *Dominó Preto*, musica do maestro Rossi.

— Sua magestade condecorou o senhor visconde de Sá da Bandeira, membro do precedente gabinete, com as grã-cruzes das ordens da Torre e Espada, e S. Bento d'Aviz. As insignias que se lhe enviaram foram as proprias de que usava o senhor infante duque do Porto. O illustre visconde acha-se gravemente enfermo, e foi aconselhado a buscar os ares de Santarem, sua patria, para onde já partiu.

— Consta que chegou esta semana noticia telegraphica ao senhor Lucotte, de que

a companhia do caminho de ferro de Cintra se acha definitivamente organizada em Paris, e passadas todas as suas acções. Esta companhia não pede subvenção ao governo.

— Falla-se em mudança do actual governador civil de Lisboa, o senhor Palmeiro, que pediu a sua demissão; mas por ora não se indica o cavalheiro que o novo gabinete escolherá para este cargo.

— Chegou da India a nau *Vasco da Gama*, ao cabo de prospera e feliz viagem áquellas paragens.

— No dia 8 de Janeiro havia partido de Macau, a bordo do brigue de guerra *Mondego*, o conselheiro governador Guimarães, com destino a São, na qualidade de plenipotenciario da coroa portugueza para um tractado de amizade e commercio com o governo d'aquelle reino.

— Foi nomeado commandante da sexta divisaõ militar o brigadeiro Trigueiros Martel.

— No Porto principiou a publicação d'um novo jornal, intitulado *Jornal do Porto*, de que é redactor e proprietario o senhor Barbosa Leão, um dos fundadores do *Leiriense*.

— Nos Abruzzos tem sido mui violentos e consecutivos n'estes ultimos tempos os tremores de terra.

— Noticias do Vesuvio dão ahi abertas novas crateras.

— Em varias terras de Hespanha tem havido alborotos entre os trabalhadores dos campos, que pedem augmento de jornal.

— Em Granada rebentou um terrivel incendio, sendo muitas casas pasto das chammas.

— Nas excavações da rua dos Correiros encontrou-se á profundidade de tres metros uma rua menos mal calçada, e o limiar de uma porta com dois degraus.

— Na praça do Campo de Sant'Anna já funcionou no domingo passado uma nova companhia gymnastico-acrobata. E' uma das melhores companhias que tem vindo a Lisboa.

— Teve logar na sexta feira a esplendida procissão do Senhor Jesus dos Passos da Graça, a qual foi feita com a costumada decencia e acompanhamento.

— Mais de cinco mil voluntarios dos diversos estados da Italia se teem alistado no exercito piemontez.

— El-rei o senhor D. Pedro v, e o senhor infante D. João, foram esta semana visitar a nova barca transporte *Martinho de Mello*.

— No mesmo dia visitaram estas augustas personagens o quartel do batalhão de caçadores 2, examinando as obras que actualmente ahi tem logar.

— Um espingardeiro em Villa Nova de Gaia, querendo experimentar uma pistola, descarregou-a inadvertidamente sobre uma sua filha de oito annos, que immediatamente morreu.



Porta da cathedral de Tarragona.

— Espera-se que se reuna em Londres ou em Berlin o congresso que brevemente tem de se occupar da questão austro-italiana.

— O rei de Nápoles, e a sua familia foram para Casserta, e ha grande actividade nos arsenaes napolitanos.

— O soba Dumba de Galangie, no sertão de Caconda, pediu um sacerdote para o baptisar, e vae receber o nome de Pedro, na conformidade dos desejos de sua magestade el-rei.

— No districto de Benguella ha socego, conservando-se a boa harmonia com os indigenas não avassallados.

— No concelho do Alto Dande tem sido tão forte a cheia do rio, que se perdeu muita mandioca.

— Em Villa Real de Santo Antonio houve no dia 9 do corrente um forte abalo de terra.

— Na quarta feira da corrente semana, dia natalicio do senhor infante D. João, que completou dezeseito annos, houve grande cortejo no paço.

— A concordata com a corte de Roma, sobre o padroado da India, foi votada tambem na camara dos dignos pares.

— O novo ministerio teve successivamente conferencias na quinta e sexta-feira com os pares e deputados, para concordar n'ellas os projectos de que por ora mais carece.

— O exercito turco de observação na fronteira dos principados vae ser elevado a trinta mil homens.

— A corte portugueza toma lucto por espaço de um mez, em consequencia do falecimento da princeza D. Maria Isabel, filha de suas altezas os condes d'Aquila.

— Sua alteza o senhor infante D. Luiz foi promovido a capitão de mar e guerra.

— Diz-se que o senhor Palmeiro, que sae do governo civil de Lisboa, foi nomeado conselheiro d'estado extraordinario.

Porta da cathedral de Tarragona.

Tarragona é uma cidade de Hespanha na Catalunha. Não obstante ser das principaes, não tem outro edificio digno d'interesse senão a cathedral, que é d'uma só nave, muito vasta, e dividida em tres partes por cinco arcos, sustentados por massiços pilaes ornados de doze columnas corinthias. No meio do cruzeiro ergue-se um zimbório octogono, tosco e pouco elegante. O altar-mór é decorado de baixos relevos de marmore representando diversas scenas da vida de Santa Tecla. Na capella de Santa Cecilia nota-se o mausoleo de Cervantes Tautillo, cardeal e arcebispo de Tarragona, e na do Santissimo Sacramento o do celebre historiador hespanhol D. Antonio Agostinho, tambem arcebispo de Tarragona, e legado da santa sé em Hespanha. A capella de Santa Tecla distingue-se pela originalidade da forma e riqueza dos marmores. A igreja tem saída para um claustro quadrado, ornado de columnas de marmore da ordem dorica, cujos capiteis, esculpidos com muito gosto e arte, representam figuras de homem, de animaes, e folhagem.

O arcebispo de Tarragona tem o titulo de principe de Tarragona: antigamente sagrava os reis de Aragão.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

STEPHEN HAWES.

(1480)

E' este o unico escriptor do reinado de Henrique VII, que merece o nome de poeta.

Nasceu em Suffolk, e tendo cursado os estudos na academia de Oxford, viajou por França, d'onde voltou perito no idioma, e na poesia italiana e franceza. A facilidade com que fallava esta ultima lingua, e o talento poetico que possuia, alcançaram-lhe mais tarde a protecção de Henrique VII.

Hawes legou-nos varios poemas, dos quaes restam os seguintes:

The conversion of swerers (1) (A conversão dos juradores) — A joyfull meditation of all England on the coronacion of our most naturall Sovereign Lord, King Henry the Eighth (Alegre meditação de toda a Inglaterra na coroação do nosso mui natural soberano e senhor el-rei Henrique VIII) — The consolation of lovers (A consolação dos amantes) — The exemplar of virtue (O exemplar da virtude) — The delights of the soul (Os deleites d'alma) — Of the prince's marriage (Do casamento do principe) — The alphabet of birds (O alphabeto dos passaros) — The *passetyme* of pleasure containing the knowledge of the seven sciences and the course of man's life in this wold (Passatempo do prazer, contendo a sabedoria das sete ciencias e do curso da vida do homem n'este mundo).

ALEXANDER BARCLAY.

(1480—1552)

O lugar do seu nascimento tem sido o pomo da discordia lançado entre os litteratos. A Escocia chama-lhe seu filho. Nós inclinamo-nos ao parecer de Bale, seu contemporaneo, que lhe fixa Somerseshire por patria: não só por isto, mas tambem por n'este condado existir uma villa d'este nome, e ter ali residido ha muitos annos uma familia da qual parece que o poeta fora successor. De tenra idade, em Oriel, College Oxford, distinguio-se pelo seu talento e applicação. Viajou por França, Italia e Alemanha, adquirindo conhecimento dos respectivos idiomas. Depois da morte de seu protector, Bishop of Tyne, entrou na ordem de S. Bento, tendo anteriormente, na volta da viagem, tomado ordens sacras.

Nomeado em 1552 reitor de Allhallows, gosou pouco tempo d'este emprego: morreu a 24 d'Agosto do mesmo anno.

Escreveu muitos volumes, consistindo parte das suas obras em traducções do latim, francez, italiano e allemão, admiradas por seus contemporaneos pela elegancia e melodia da linguagem.

Composições originaes são as seguintes: A satire on Skelton (Uma satyra a Skelton) (2) — Lives of St. George, St. Catharine, St. Margaret and Ethelreda (Vida de S. Jorge, Santa Catharina, Santa Margarida e Ethelreda). E varias outras em manuscripto.

Traducções — Sallust's Jugurthine War (A guerra de Jugurthine por Sallustio) Ship of Fools (Navio dos tolos) paraphrase de um poema allemão escripto em 1494 por Simão Brandt. Impresso em Londres em folio por Richard Pynson, 1509.

JOHN BALE.

Nasceu em 1495 em Cove, pequena villa distante cinco milhas de Dunwich, no condado de Suffolk. O estado de miseria em que vivia obrigou seus paes a recolherem-no no mosteiro dos carmelitas em Norwich, passando pouco depois para o collegio de Jesus em Cambridge. Fez-se protestante, acto de que nasceram as perseguições feitas pelo clero catholico romano. Por morte de lord Cromwell, seu protector, teve de refugiar-se nos Paizes Baixos, onde permaneceu por espaço de oito annos, escrevendo durante este tempo varias obras em inglez. Subindo Eduardo IV ao throno, favoreceu-o; a 15 d'Agosto de 1532 foi o poeta nomeado bispo de Ossory na Irlanda, d'onde foi obrigado a fugir por novas dissensões religiosas. Embarcou em Dublin n'um navio de pequeno lote, soffrendo varios contratempos. Foi feito prisioneiro por uma nau hollandeza, que o conduziu á Hollanda, onde, para ser restituído á liberdade, foi necessario pagar trinta libras. Depois retirou-se para Basil, na Suissa, voltando a Inglaterra no começo do reinado de Isabel, que o elevou a um prebendado em Canterbury, onde morreu em Novembro de 1560.

Escreveu tão vehemente contra o clero romano, que mereceu a excommunhão do papa.

(1) *Sweerer* ou *swearer* significa jurador, homem que pragreja.

(2) Poeta sem importancia que viveu pelos annos de 1460—1427 ou 29, cuja principal obra é — *Poematis et Satiræ*.

As seguintes são as suas producções:

A chronica de sir John Oldecastle, reimpressa em 1729 — *Scriptorum Illustrium Majoris Britanniæ Catalogus*, ou a Vida dos principaes escriptores da Grã-Bretanha, desde Japhet, filho de Noé, até 1557 !!! — The life of John the Baptist (A vida de S. João Baptista) — John the Baptist preaching (S. João Baptista pregando) — Christ's temptation (A tentação de Christo). Varios autos religiosos, bem acceitos n'aquelle tempo, e frequentemente representados em Kilkenny — Christ at twelve years old (Christo aos doze annos) — God's promises (As promessas de Deus), etc.

Poderiamos pôr Bale de parte se não fóra para levar ao conhecimento dos leitores a obra intitulada *Vida dos Escriptores da Grã-Bretanha, desde Japhet até 1557*. Parece ridiculo que Bale tentasse rasgar o espesso manto dos seculos, que tem sido impenetável á vista sagaz de escriptores mais eruditos. Pasma a intelligencia de vél-o procurar, entre as tribus selvagens dos bretões, escriptores de merito! n'esse tempo de trevas, em que o homem só cuidava nos prazeres materiaes, em que a força era lei, em que a maior luz que possuia era o estratagem! A civilização, as ciencias, foram introduzidas pela conquista romana, se se deve dar credito á historia; os primeiros indigenas vieram da Gallia: como existiam elles no tempo de Japhet? A sciencia concentrava-se nos druidas, sacerdotes, legisladores, instructores da mocidade, e nos neophytos, que pela decrepitude ou morte d'aquelles exerciam os mysterios por elles praticados. Eram bardos, diz-nos a tradição, exaltavam em versos pomposos acompanhados da lyra as façanhas de guerreiros famigerados; a necessidade compellia-os a empregarem este meio; ignoravam a escripta: como legariam as acções heroicas de algum valente chefe? Ajutando ao instructivo a musica, cada um exprimia uma acção, cada nota vibrava um nome. O tempo, que tudo esquece, reservou-nos alguma d'estas canções? Os romanos, exterminando os druidas, acabaram com elles a poesia. Que visão ou que harpa carunchosa forneceu a Bale os materiaes para compôr este absurdo? E' um problema cuja solução deixamos aos criticos; mas asseveramos que esta obra phantastica tem servido de base para o trabalho de muitos biographos modernos.

Continua.

F. E. PAYANT.

A casa da feitoria ingleza no Porto.

Os vinhos do Porto, pelos immensos valores que representam, constituem, como se sabe, o mais importante ramo de commercio do nosso paiz. Exigindo pois avultados capitales para o seu giro, e achando-se na maior parte em mãos de negociantes inglezes, formam estes um corpo muito respeitavel por todas as considerações, que em commercio podem dar importancia e respeito aos homens.

A grande prosperidade em que se achou o commercio d'aquelles vinhos no ultimo quartel do seculo passado, levou os negociantes inglezes, que n'elle se empregavam, a levantar á sua custa um edificio esplendido, destinado para casa de assemblea, para banquetes por occasião de solemnidades, e tambem para hospedagem de viajantes illustres, a quem os fundadores desejassem obsequiar.

Principiaram as obras em Fevereiro de 1785, e concluíram-se no fim de tres annos. Gastaram-se na construcção, adornos interiores, e mobilia, mais de duzentos mil cruzados.

E' este um dos melhores edificios da cidade do Porto, tanto pelas suas proporções, como pela elegante singeleza e harmonia da sua architectura, toda no gosto inglez.

Está situado no coraço da cidade. A frente principal deita para a muito espaçosa e plana rua dos Inglezes, outr'ora denominada de S. Nicolau. A fachada lateral cae sobre a rua Nova de S. João, que sobe com muito declive, mas larga e alinhada, desde a praça da Ribeira, junto ao rio Douro, até ao largo de S. Domingos.

A estampa, que n'este numero publicamos d'este edificio, dispensa-nos de entrar em descripções da sua architectura exterior. Bastará dizer que a

fachada principal tem cento e quarenta palmos de comprimento, e cem d'altura.

A porta d'entrada principal fica debaixo da arcada, e corresponde ao arco do centro. E' adornada por seis columnas de ordem toscana. A escada é toda de pedra, ampla e grandiosa, se bem que de gosto um pouco pesado. As salas do andar nobre, que todo é destinado para os bailes e jantares, são grandes, elevadas, decoradas com riqueza, e ainda mais com elegancia e bom gosto. O salão do baile tem oitenta e dois palmos de comprimento, e quarenta e uma de largura. A disposição das salas e das serventias é a melhor possível.

No andar inferior, ou sobre-lojas, ha um gabinete de leitura com muita variedade de jornaes politicos e litterarios, portuguezes e estrangeiros.

Antigamente davam-se n'esta casa grandes e amudadas funcções; depois, diminuindo, ou antes vindo a restringir-se consideravelmente o numero dos socios, em virtude de uma especie de aristocracia commercial, limitaram-se os socios a reuniões familiares, dando unicamente bailes ou banquetes para solemnizar alguma festividade, ou em obsequio de alguma pessoa. Em commemoração do consorcio da princeza real d'Inglaterra deram em Fevereiro do anno passado um magnifico baile.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A expulsão dos holandezes do Brazil (1645—1654).

Da Historia Geral do Brazil, do senhor Varnhagen, livro que entre nós é mais raro do que devera, tomamos, com o consentimento do autor, os seguintes artigos a respeito da importante lucta passada ha mais de dois seculos em Pernambuco, julgada sem prevenções, e com muita lucidez e novidade.

O Brazil feito principado—Insurreição pernambucana—Factos que se associam á elevação do Brazil a principado—Origem da insurreição Pernambucana—Vidal é alma d'ella—Justificação—Influencia de certos homens na civilização—Preparativos—Planos e ajustes—Execução—Dias Cardoso—Henrique Dias—O Camarão—Dois emissarios—Rompiemento—A. Cavalcanti e J. F. Vieira—Bundos—Tropas holandezas—Marcha das nossas—Monte das Taboas.

O entusiasmo da metropole pela recuperação em 1640 da sua perdida independencia, a energia que esse entusiasmo, junto ao instincto da propria conservação, produziu nos governantes, a actividade com que estes attendiam a reforçar as fronteiras, a reorganizar a administração, a fiscalisar os tributos, a proteger e augmentar a marinha de guerra e a favorecer as colonias, não podiam deixar de incitar os habitantes d'estas a ambicionarem ter parte nas glorias e trabalhos com os seus irmãos d'além-mar. Muitos habitantes do Brazil passaram á corte, uns como procuradores dos povos, outros a offerecer cabedades, e alguns tambem a colher loiros nos campos do Alemejo, ou nas palestras das lettras. Com effeito: então pela primeira vez figuraram os povos do Brazil em côrtes, sem ser por algum bispo ou donatario; isto é sem ser pelo clero ou nobreza. A offerta de cabedades subia pelo menos a duzentos mil cruzados, se a metropole quizesse manter no Brazil uma pequena armada de guarda-costa; e não foi aceita, porque o governo não se julgou então com forças para submitter-se á condição exigida. Dos brazileiros que vieram a servir com distincção nos campos do Alemejo não poderamos aqui tratar sem grande desvio; nem fora isso de importancia quando nos cumpre reconhecer que mais que elles representava em favor do Brazil em todo o Portugal, e quasi na Europa toda, o genio do insigne P. Antonio Vieira.

Demais: o Brazil figurou então pela primeira vez, no dictado ou titulos do rei de Portugal; e (o que era mais) por um decreto, de 27 de Outubro de 1643, foi disposto que os primogenitos, herdeiros presumpitivos da corôa, se intitulariam para

sempre principes do Brazil. Tanto equivalia a elevar a colonia portugueza da America á preeminencia de principado. Dirieis que o primeiro soberano brigantino começava a estender seu braço protector ao emporio que havia de vir a ser o refugio do seu solio, e a patria do verdadeiro chefe e representante mais directo da sua casa.—Nem falta quem assevere que já este mesmo soberano chegou a ter resolvida a mudança da sede do throno para o Brazil, com o apoio de Castella; bem que outros restrinjam os offerecimentos d'este ultimo reino para tal apoio a uma monarchia no archipelago dos Açores, (1) ou na Sicilia (2).

O certo é que a elevação do Brazil a principado, facto por si mesmo importante, o foi mais porque a elle se associaram, com a differença de mezes, tres outros, qual de mais consequencia; a saber: a restauração definitiva, no anno precedente, do Ceará e Maranhão; a partida do príncipe de Nassau de Pernambuco; e finalmente (em grande parte de resultas d'esta partida) o principio da lucta que veio a fazer baquear o dominio batavo em Pernambuco.

Com a partida de Nassau para a Europa ficaram as redeas do Brazil hollandez confiadas a tres negociantes tão obscuros, Hamel, Van Boolestrate, e Bas, que de um d'elles se disse haver sido carpinteiro, logista outro, e ouirives em Harlem o terceiro. Terra demasiado aristocrata era a de Pernambuco, para prestar sem repugnancia obediencia a estrangeiros de tão baixa relé, cuja vaidade, cubia e intolerancia faziam, ainda para mais, notavel contraste com a lhaneza, desprendimento e generosidade do príncipe d'Orange. Ora os esforços espontaneos dos maranhenses e cearenses acabavam de ser coroados de triumphantes resultados, quando nenhum exito haviam produzido, nem as tropas e navios do conde da Torre (3), nem as diplomacias de Montalvão. Não era pois de admirar que a muitos brazileiros, residentes quer na extenção que decorre do Rio Grande do Norte até o Rio Real, quer no territorio fora do dominio hollandez, o amor da patria indicasse que lhes cumpria tentar esforços semelhantes para de todo sacudir do seu paiz o jugo estranho. Pensamentos taes, que estão no coração de todos, não tem autor determinado. Necessitam só uma alma grande que d'elles se apodere e lhes dê impulso. Tinha-a André Vidal de Negreiros, filho da Parahiba, já conhecido por notaveis feitos de guerra, em consequencia dos quaes foi successivamente promovido por distincção até o posto de tenente de mestre de campo, que podemos dizer de tenente-coronel; pois que ainda que a alguns postos da milicia se davam nomes diferentes dos de hoje, eram elles já quasi os mesmos, e se haviam de todo introduzido no Brazil durante esta guerra. E bem que não faltassem escriptores, que, contrariando ás vezes sua affirmativa com os proprios factos que narravam, quizessem, em parte por disfarce politica, outorgar toda a gloria a João Fernandes Vieira, chamando-lhe já Valoroso Lucideno, já Castrioto lusitano, nós appellamos unicamente para os factos comprovados, e ao examinal-os o leitor julgará se, dando a palma a André Vidal, no mais minimo sentenciamos com paixão. Lisonjeiro nos é sem duvida ter de exaltar a memoria de um illustre patrio; mas no caso actual, em que para enaltecer a um heroe, ha que deixar um tanto deprimido outro, até agora injustamente exaltado em demasia, não o executaramos se a consciencia guiada pela justiça, nos não alentara o ponto de conhecer que nos não cega a grande sympathia que temos pelas virtudes do heroe parahibano, que não hesitamos apresentar como digno até de figurar em uma epopeia nacional. Na historia da civilização das nações em particular, como na da humanidade em geral, ha sempre grandes caracteres ou grandes intelligencias que são como os precusores ou ver-

dadeiros creadores do pensamento de novas eras; e ao historiador cumpre o descortinal-os. Muitas vezes contemporaneamente essas grandes capacidades, esses grandes homens, viveram confundidos com as turbas, ou foram por estas ou pelos poderosos da terra perseguidos ou despresados; se tiveram bastante coragem e dignidade para não adular estes nem aquellas; mas a verdade triumphou por fim, e o galardão posthumo é tanto maior, quanto mais clamorosa foi a injustiça dos antepassados. O martyrio tambem dá a palma da gloria. Pela nossa parte, que começamos por tributar a Raymundo Lullio, a Colombo e a Diogo de Gouvea o louvor devido ao talento—às vezes a uma só idéa fecunda, não poderiamos aqui deixar de reivindicar a gloria que cabe, em nosso entender, ao modesto parahibano André Vidal, que mais de uma vez derramou o seu sangue pela patria. Em presenca dos factos, taes como são contados pelos proprios apologistas de Fernandes Vieira, nos convenceremos de que, se houve n'aquelle mesmo seculo, por motivos politicos e razões de estado, necessidade de proclamar os seus serviços como superiores aos de Vidal, hoje ha que tributar a este a justiça devida, e concordar que, abstrahindo da protecção do governo, exercida, disfarçadamente pelo governador Antonio Telles, a elle principalmente foi pela maior parte devido o exito da insurreição de Pernambuco.—Vejam os factos.

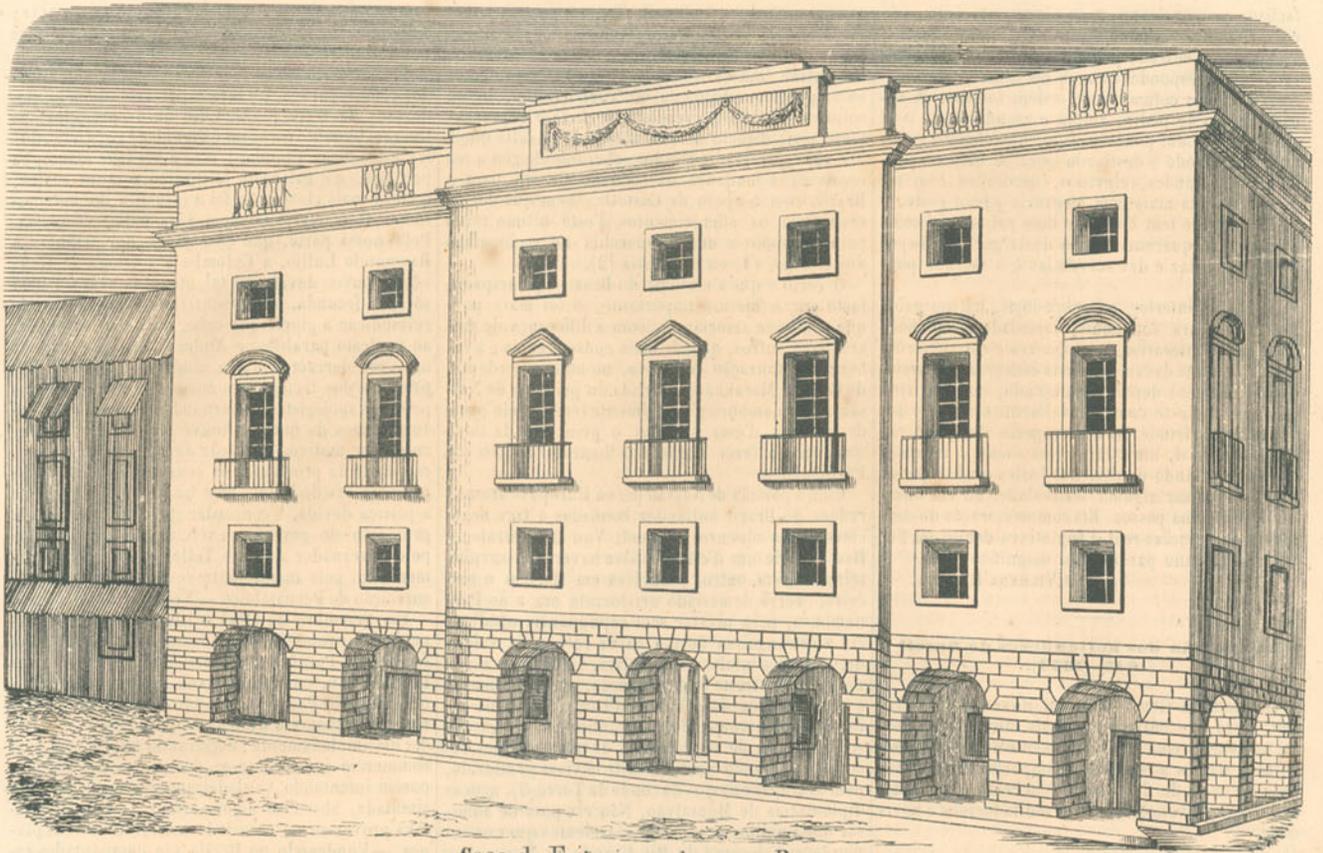
Em Setembro de 1644 o illustre tenente-coronel Vidal, pretextando publicamente ir visitar a sua familia na Parahiba, embarcou-se na Bahia para Pernambuco, em uma caravela, com o capitão Nicolau Aranha Pacheco, levando consigo muitas munições de guerra e de bocca, que contava ahiver dissimuladamente; declarando querer com este commercio indemnizar-se dos gastos da viagem; porém intentando verdadeiramente, com a venda simulada, abastecer alguns armazens, d'onde contava prover-se no caso de levar ávante os seus planos.—Fundeando no Recife viu desapontados estes seus intentos, quando os do conselho lhe declararam que só á companhia da Hollanda poderia vender as munições que trazia, e elle para não dar causa a suspeitas lh'as vendeu. Em seguida pediu e obteve Vidal um salvo-conducto para passar á Parahiba, como effectivo. E no Recife, no caminho, e na Parahiba tratou de sondar os animos dos seus patrios e reconheceu claramente quanto se poderia contar com todos para uma sublevação. Entre os que se lhe apresentaram distinguiram-se, principalmente pela maior somma de cabedades de que dispunham, o pernambucano Antonio Cavalcanti, senhor de varios engenhos, e o madeirense João Fernandes Vieira, que antes se fizera abastado como apañigado dos proprios conquistadores e administrador dos bens de Jacob Stachouwer, (que fora dos do conselho politico) e depois, como arrematante de varios contratos ou monopolios dos mesmos holandezes. Ambos se comprometteram a tomar parte na sublevação, se Vidal, por seu turno, se compromettia a fazer com que o governador Antonio Telles os auxiliasse, embora encobertamente, com forças da Bahia. Tranquilisou-se Vidal dizendo que nada intentassem elles, em quanto não lhes chegasse esse primeiro reforço que pediam, e acrescessem que lhes dava a sua palavra de que elle, concedidos estes soccorros pelo governador, não tardaria a vir tambem combater ao lado d'elles pela liberdade da patria commum.

Vidal, de volta á Bahia, expoz ao governador Antonio Telles quanto deixara ajustado; e desde logo recebeu de tudo a aprovação do chefe, commettendo-lhe este a execução do plano, e conferindo-lhe para mais o ajudar a nomeação de governador da fronteira do lado do norte, isto é do Rio Real, extrema do dominio hollandez.—Partiu Vidal para o seu novo posto, e apenas ali chegado fez avançar para os sertões de Pernambuco, ás ordens do bravo capitão Antonio Dias Cardoso, uns sessenta soldados, separados em pequenos corpos. E dando algum tempo a estes para se acharem já mui avançados, aos 25 de Março de 1645, dispoz que partisse tambem, tomando equal direcção, o capitão e governador dos negros Henrique Dias, com toda a sua gente. A pretexto de que esta partida era sem o seu consentimento, e por consequente uma

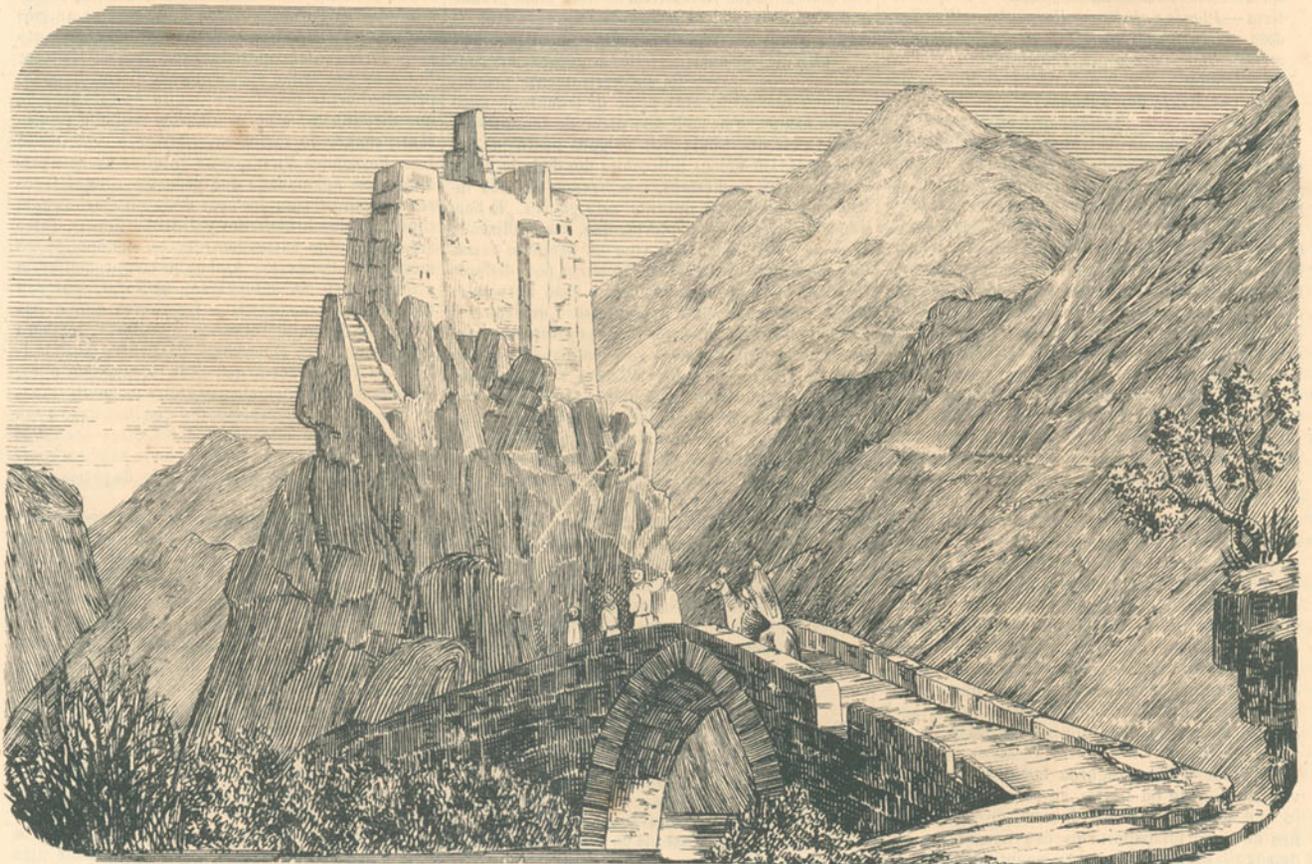
(1) Wicquefort. Mem. II. p. 46.

(2) Hist. des traités de Paix etc. 1725; fol. tom. 2.º p. 574.

(3) Pela C. R. de 22 de Julho de 1610 foi em castigo privado do titulo, das commendas, e do logar de conselheiro da fazenda; mas livrou-se pelos serviços que prestou á restauração na Torre de S. Julião (á foz do Tejo) onde estava preso.



Casa da Feitoria inglesa no Porto.



Castello gótico proximo de Batroun na Siria.



O mosteiro de Rheidau sobre o Rheno.

verdadeira deserção, mandou a perseguir a Henrique Dias o corpo dos índios, ás ordens de D. Antonio Filipe Camarão; participando tudo ostensivamente ao governador Antonio Telles, que repetiu á corte, tambem em officio ostensivo (de 19 de Julho), essa participação transmittida depois á Hollanda, onde o embaixador Francisco de Sousa Coutinho dava d'ella copia ao governo na Haya.

Entretanto constando no Recife que o governador geral Antonio Telles consentia ou protegia estas primeiras incursões, os do conselho hollandez resolveram mandar á Bahia dois emissarios para melhor sondarem o que se passava, e queixarem-se e pedirem providencias contra as ditas incursões. Antonio Telles agasalhou perfeitamente os ditos emissarios, e deu-lhes tantas explicações no sentido que elles desejavam, que segundo se suspeitou pelos factos posteriores, acabou por conquistar a si um d'elles — o major Hoogstraten, governador da fortaleza da Nazareth. Não andou porém Antonio Telles no negocio tão cautelosa e dissimuladamente como desejava a corte, quando o reino ventilava a sua existencia nos campos de batalha com Castella e nos protocolos da diplomacia com a propria Hollanda. Em virtude do que o chamaram á Europa, e na viagem, indo a pique o navio em que regressava, morreu afogado.

Porém o impulso já ficava dado, e não era facil retroceder. Nomeados os cabos que deviam regular a sublevação nos differentes districtos, e reunidas provisões e armamentos em varios sitios mais occultos, e já em alarma os soldados vindos da Bahia, informados os do governo hollandez de que se tramava uma conjuração, quizeram prevenir-se, chamando ao Recife com fingidos pretextos alguns dos reputados chefes d'ella. Eximiram-se estes de comparecer, e entretanto se esmeraram em apressar o rompimento, aprasando-se para elle o dia 13 de Junho.

Informados d'isso os dominadores por alguns denunciantes, dispunham-se a dar uma assaltada no sitio convenconado, quando a seu turno prevenidos os conspiradores de tal intento, se foram juntar em um engenho um pouco mais distante, onde desde logo se declararam, proclamando a principio por chefes a Antonio Cavalcanti e a João Fernandes Vieira. Por ambos foram assignadas as primeiras communicações (1), patentes e proclamações; porém logo ficou unicamente o ultimo considerado chefe; recebendo do governador a nomeação de mestre de campo, a qual foi depois (2) confirmada por el-rei. Immediatamente abalaram todos para reunir-se ás companhias de soldados enviados por Vidal, e os quaes disfarçadamente estavam alojados nos matos visinhos ás ordens de Antonio Dias Cardoso, que, em virtude de promessa que lhe fôra feita, n'essa mesma occasião foi proclamado sargento-mór. Cardoso ficou sendo o verdadeiro chefe militar, e effectivamente foi quem dirigiu todos os movimentos até a chegada de André Vidal.

Para engrossar este pequeno nucleo ou bando armado foram logo chamados ás armas todos os moradores; tirando-se para isso partido, como sempre em casos taes, do temor pelas ameaças do castigo, da ambição e cubiça pelas promessas de premios; e até se accrescentou manhosamente o boato de que os hollandezes acabavam de dar ordens para que fossem passados á espada todos os jovens de quinze a trinta annos; — isto é, justamente os que mais convinha aos restauradores que se lhes unissem. Os resultados foram immediatos; as nossas fileiras começaram a engrossar tão prodigiosamente que os hollandezes publicaram, em 14 de Julho, uma nova amnistia aos que se entregassem, exceptuados os cabeças. Replicou Fernandes Vieira com outro bando, chamando ás armas todos os pernambucanos e os proprios hollandezes que desejassem ficar ao nosso serviço.

Já porém se aproximava uma pequena força ás ordens de João Blaar; e Cardoso julgou conveniente prevenir-se, marchando para o sertão, e evitando o encontro em quanto não houvesse reunido mais gente, e escolhido uma posição em todo o sentido vantajosa. Dirigiu-se, pois, por Maciapé a

S. Lourenço; e depois, atravessando o rio Capiberibe, em balsas pela muita agua que levava, foi descansar em um sitio de Belchior Rodrigues Covas; e, pelos muitos reforços que havia já recebido, inclusivamente dos contingentes da Ipojuca, Moribeca e do Cabo, e até de alguns índios do Camarão, chegou a projectar o receber ali o ataque das forças hollandezas. — Succedia porém que pouco Blaar queria empenhar-se em arriscar esse ataque, quando, esperando alguns dias mais, contava ser reforçado com as tropas de Haus, que haviam feito dispersar a insurreição que estalara no sul, e cujos fugitivos acabavam de reunir-se a Fernandes Vieira.

Quando, effectuada esta junção, Blaar se dispunha ao combate, Cardoso, encontrando perto uma posição em que julgou poder com mais vantagem receber-o, deixava o sitio do Covas, pelo *Monte das Tabocas*, que, como o nome o diz, era defendido por uma intransitavel espessura das plantas chamadas tabocas, que são certas cannas bravas muito espinhosas, e que por si só apresentam uns como tapumes silvados. — Foi ali que elle offereceu o combate, e que o hollandez o accetou, accommettendo no dia 3 de Agosto.

Continua.

Um castello gothico na Syria.

A Syria é uma das regiões do globo mais ricas de memorias historicas e de reliquias de extintas grandezas. N'esse paiz, tão celebre nos annos sagrados e profanos, encontram-se por toda a parte grandiosas ruínas de cidades opulentas e de edificios sumptuosos.

O monumento de que nos vamos occupar não pertence a nenhuma d'estas classes. Mas é um dos que ali mais excitam a curiosidade dos viajantes pela sua antiguidade e tradições historicas, e sobre tudo pela sua tão pittoresca posição.

No fundo de um estreito valle, ou antes sombria garganta apertada por elevadas montanhas, a uma legua de distancia do Mediterraneo, ergue-se um rochedo perpendicular, inteiramente separado do dorso das serras, e como que cortado a prumo por todos os lados, medindo mais de cem pés d'altura, e mais de seiscentos de circumferencia. Este rochedo descomunal serve de base, ou penha a um castello gothico, cujas formas exteriores por tal modo se harmonisam com as feições da rocha, que ao primeiro aspecto se tomará pela continuação natural d'aquella penedia.

Atribue-se aos cruzados a fundação d'este castello. Uma larga e compridissima escada cavada na rocha, com seus pequenos terrados ou taboleiros a espaços, conduz á plataforma superior, onde uma cinta de muralhas ameiadas e torreadas cercam uma alta torre de menagem, guarnecida de janellas ogivas.

Exteriormente acha-se o castello em bom estado de conservação; porém não assim no interior. Os tectos das salas, e as proprias abobadas do edificio estão totalmente por terra. Do meio das ruínas elevam-se alguns sycomoros e muita variedade de arbustos e trepadeiras. A torre de menagem está quasi toda vestida de hera, que se entrelaça nos pilares das janellas para depois cair em viçosos festões.

Faz um contraste singular esta vegetação tão linda e risonha entre aquellas lugubres paredes, no meio d'aquella triste solidão, cujo silencio não é quebrado, nem de dia nem de noite, senão pelos gritos das aguias, e pelos rugidos dos chacacos.

Junto do gigantesco rochedo corre placidamente um pequeno ribeiro, sobre o qual se vê uma ponte de um unico arco, que communica as duas partes do valle, que o rio separa. Esta ponte é tambem muito antiga, e acha-se em soffrivel estado de conservação.

As margens da ribeira são guarnecidas de uma vegetação variada e pomposa.

Do alto do castello gosa-se de uma formosa perspectiva. Por entre as quebradas das montanhas descobre-se o Mediterraneo, e proximo Batroun, que é uma pequena aldeia, habitada quasi inteiramente por maronitas, e situada a cinco leguas ao sul da cidade de Tripoli da Syria.

A pobre aldeia de Batroun foi outr'ora uma grande cidade. A sua antiguidade é tamanha, que Menandro attribue a sua fundação a Ithobal, rei de Tyro, que viveu no tempo do propheta Eliaz. Da sua antiga grandeza não resta mais do que algumas pedras dispersas, que deixam ainda perceber n'ellas o trabalho do cinzel.

Batroun estava occupada pelos cruzados, quando estes edificaram o castello, de que acima tratamos. Parece que foram estes cavalleiros, que mudaram o nome antigo de *Botrus* em *Botiron*, que depois se veio a corromper em Batroun.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Uma revolução na India portugueza.

II

Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen-politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripção pelo general Marinho, em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1853.

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Continuação.

Quinto acontecimento critico. — Principiaram n'esta epoca as folhas inglezas de Bombaim a fallar dos acontecimentos politicos de Hespanha, e do estado politico de Portugal: como estas noticias envolviam Portugal, interessavam a todos os portuguezes, e brazileiros, e todos se esforçavam em examinal-as, e em estudal-as.

Estas novidades com a indisposição, que já se tinha com a administração orgulhosa do conde de Rio Pardo fez espalhar com a maior velocidade idéas, e principios constitucionaes.

Appareceram então tambem os folhetos do *Correio Braziliense* e o *Portuguez*, memorias do mui digno João Bernardo da Rocha.

Estes dois periodicos deram uma robustez prodigiosa aos principios constitucionaes, que se apossaram desde as mais altas classes até as mais infelizes.

Eu era então amigo de Manuel Duarte Leitão Saraiva n'aquella epoca desembargador da relação de Goa; juntavamos-nos ás vezes, e nos entretinhamos em palavrear sobre estas noticias.

Uniu-se a este mui pequeno palvareamento o physico-mór, Antonio José de Lima Leitão.

Depois uniu-se o medico Bernardo Peres da Silva; depois o marechal ajudante general Joaquim Manuel Corrêa.

Assim se foi formando successivamente uma opinião publica constitucional, de maneira que quasi todos os officiaes subalternos, capitães, officiaes superiores, generaes e desembargadores, exceptuando um só magistrado, o desembargador Monteiro, estavam conformes nas mesmas idéas politicas.

Os nativos do paiz eram todos sem exclusão de algum, activos constitucionaes: alguns mestiços notaveis por principios, e certa educação aristocrata não gostavam dos principios constitucionaes, porém estes eram geralmente muito boas pessoas, e limitavam-se sómente a dizerem que não gostavam.

Os aldrubios portuguezes, conhecidos pela irregularidade do seu comportamento, eram os unicos que se mostravam inimigos dos principios constitucionaes: como por este lado não podiam fazer a sua fortuna, nem ser considerados fizeram-se mui ridiculos espiões, e um pouco inquietos.

Então constituiu-se um partido provincial, porém partido sem centro, sem chefe, sem programma, e sem projecto de especie alguma; era rigorosamente um partido escolar e jámais passaria de partido escolar, se o conde de Rio Pardo pela sua pessima politica, pelo seu orgulho, e pelos seus aldrubios não assustasse o partido constitucional, e não o obrigasse a pôr-se em guarda.

Concorreu muito para a indisposição dos retrogradados o eu ter desde muito rapaz o uso de uma

(1) Assim se vê do folheto: «Extract ende copye», etc. — 1646.

(2) C. de 29 d'Abril de 1651.

vida solitaria, não saindo de casa, entretendo-me sómente a ler, e a escrever: saía fora só para objectos de serviço ou a algum negocio mui urgente, e a visitar mui poucas vezes os meus poucos amigos com quem tinha mais alguma familiaridade.

Esta conducta em Goa era muito singular, espantava os aldrubios, e fazia-lhes certo ciume: uns por esta causa attribuiam-me calumnias, outros suppunham-me um caracter orgulhoso, e outros um caracter revolucionario.

For intriga dos aldrubios o conde de Rio Pardo principiou a supportar que em Pangim eu era o unico official capaz de emprehender um movimento revolucionario, e a temer da minha presença em Pangim.

Um homem que tivesse a cabeça em estado de saúde não podia admittir tal opinião, porque eu era um solitario, que não admittia reuniões em minha casa, nem ia a reunião alguma, e apenas me reduzia a receber algum official, que me visitasse.

As idéas liberaes, e principios constitucionaes propagavam-se por si mesmos a passos de gigante a medida que o conde de Rio Pardo, e os seus aldrubios faziam mais esforços para os reprimir.

Continua.

O mosteiro de Rheinau.

O Rheno é um dos maiores rios da Europa. Separa a Alemanha da Suíça e da França. As cidades e aldeas, que lhe bordam as margens; os castellos gothicos e os templos, que se erguem junto da fugitiva corrente, como para se mirarem no espelho de suas aguas, ou sobre elevada penedia, que parece a todo o momento prestes a desmorronar-se, ou sobre as cristas dos montes, como atalaias de remotas eras; os palacios, e bosques, que por todos os lados avultam; e finalmente os vapores e infinita variedade de barcos, que ali navegam diariamente; tudo isto dá ao Rheno a primazia de mais bello e encantador entre todos os grandes rios da Europa.

A estampa que damos n'este numero é pois uma d'essas formosas perspectivas, que as margens do Rheno apresentam. No centro levanta-se o mosteiro ou abbadia de Rheinau, pertencente á ordem dos monges de S. Bento. De um lado vêem-se os arvores da cêra do mosteiro; e do outro algumas casas da aldêa de Rheinau, que se communicam com o convento por uma ponte de cinco arcos.

N'este sitio o Rheno, dividindo-se em dois braços, deixa no meio d'elles uma ilha, que serve de assento ao mosteiro e sua cêra.

N'esta ilha tinham os romanos uma forte praça de guerra para obstar ás invasões dos alemães. Ainda ali existem d'esse tempo alguns restos de velhas muralhas.

O mosteiro beneditino tem muita antiguidade. Foi fundado no anno de 778 pelo conde Wolferar, pae da imperatriz Judith, esposa do imperador Luiz o Bom. A igreja é vasta e magnifica. Encerra algumas obras d'arte apreciaveis, e muitos mausoleos de pessoas illustres. Entre os dos abbades e monges d'este mosteiro distingue-se em riqueza o de S. Findan.

Possue o convento uma bibliotheca rica em manuscritos e em edições raras; e tambem encerra uma sala ornada de muitos e bons quadros a oleo. Tanto a igreja como os edificios do mosteiro foram reedificados no seculo passado á custa da ordem.

A pequena ilha do mosteiro communica-se com a terra firme por duas pontes, uma que a liga com a aldêa de Rheinau, que pertence á Suíça; e a outra, que dá passagem para terras de Alemanha.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação. *

IX

Logo que a insipidez da creancice desaparecera ao lume santo que a aurora da mocidade espa-

lhou nos olhos negros de Maria, lançando um reflexo de inexplicavel e doce intelligencia n'aquellas feições pallidas como se Deus tivesse querido indemnisa-la da falta de belleza, Eduardo, principião a adivinhar a alma gigante que existia n'aquelle fragil corpo, achou-se tão vivamente impressionado, que em breve sentiu, por assim dizer, *voar-lhe* o coração, attrahido pelo iman poderoso d'esse olhar fulgurante!

Estavam n'uma reunião de familia. Eduardo tinha-lhe pedido para dançar, depois de conversar meia hora. Quando bateram palmas, Eduardo atravessou rapidamente a sala, e foi offerecer-lhe o braço. Ao mesmo tempo outro homem lhe pediu para dançar, e ella esqueceu Eduardo. Este pequeno *jogo de scena* não foi porém tão rapido, que o segundo *par* não percebesse a desintelligencia. Eduardo, já na vertigem do despeito, disse alguma coisa — ainda era creança: Maria sorriu-se; e depois de algumas palavras de delicadeza que a situação exigia, Eduardo retirou-se. Principiou a soffrer pouco depois de ter principiado a amal-a.

Como a convicção do sentimento nos torna credulos! pensava Eduardo. Está explicada a côr repentina de que se cobriam as faces de Maria todas as vezes que tinha de fallar comigo! Aborrecia-me! Agora, provavelmente, detesta-me!

Dançou-se, e Eduardo tambem dançou — dançou, dizemos nós: porque elle não percebeu semelhante coisa — dançou, porque n'uma reunião de familia, todos os rapazes hão de dançar: se não tem *pares*, a tia, a prima ou o amigo dão-lh'os por força.

Chegou enfim occasião de segunda contradança. Eduardo foi o primeiro que bateu palmas; e correu a offerecer o braço a Maria.

D'esta vez foi mais feliz.

Nos intervallos, Eduardo fallou-lhe. Era preciso revelar-lhe o segredo: ouvir uma resposta; saber se ella approvava tal *inclinação*. E revelou-lh'o.

Maria, que o escutara vermelha como a rosa, empallideceu ao ouvir semelhante confissão. Eduardo pediu-lhe uma resposta. Maria disse:

— Tel-a-has quando menos a esperares.

— Mas em heide esperal-a sempre!...

— Veremos!

Annos depois estavam ambos em outra reunião. Ambos dançaram muito. Eduardo nunca mais lhe fallou da sua confissão. Pediu-lhe uma camelia branca, linda, que ella tinha, e foi-lhe recusada. No fim da noite, Eduardo sentou-se ao lado de Maria; fingiu-se distrahirido, fallou-lhe do calor da sala, e quando Maria menos esperava, furtou-lhe de repente a camelia para lembrança d'aquella noite.

Passaram-se mais annos. Outra noite andava Eduardo passando no jardim com a familia de Maria. As raparigas riam, *borboleteando* pelas flores. Lembraram-se de escolher cada uma sua flor para comporem um ramalhete que devia ser offerecido a Eduardo; assim se fez. Maria recusou obstinadamente dar-lhe uma flor.

Em seguida convidaram Eduardo a fazer versos ás flores que tinha recebido. Eduardo aceitou o convite, aproveitando o sentido d'ellas para descrever, pouco mais ou menos, o coração de cada uma das pessoas que as tinham escolhido. O ultimo d'esses versos era assim:

Bem haja quem não quizera
Dar-me tambem uma flor!
Que estas flores que me deram,
Não duram... não tem valor!

Decorreram mais annos. Uma noite estava tambem Eduardo em casa de Maria. No dia seguinte D. Julia partia para o campo. Era meia noite, Eduardo levantou-se para sair. Maria aproveitou um momento em que a attenção geral se fixava para outro lado, e chegando-se *fugitiva* a elle, atirou-lhe para cima da mesa uma palma de alecrim do norte, deixando escapar, como precursoras de felicidade, as ultimas palavras de Carlos I: — Lembra-te...

.....
Ainda ao cabo de mais annos, Eduardo, cansado de esperar, afflicto por um sentimento que não julgava bem correspondido, imaginou combatel-o. Com que recursos? Quiz experimentar a ausencia.

Esperou uma noite em que se dançasse em casa de Maria. Foi pedir-lhe para dançar. Dançou uma d'aquellas polkas *delirantes* e *mortiferas* que não servem de nada a quem não tem vinte annos. Tirou razoavel partido d'essa dança phrenetica, e disse a Maria estas palavras quasi inintelligiveis.

— E' um adeus!

— Porque?... para onde vaes?

— Não sei: deixo de aqui vir.

— Fez-te algum mal?

— Estou cansado!

O piano calou-se. A polka findou.

.....
Depois de uma ausencia de trinta dias, em que Eduardo procurou, por todos os modos possiveis, inclusivamente no uso do cognac e no amor de Luiza, esquecer a affeição que Maria lhe inspirara, escreveu-lhe pela primeira vez.

Contava-lhe n'essa carta que se divertia muito; que vivia satisfeito; que não faltava ao theatro francez; e, por ultimo, descrevendo-lhe a peça então em *voga*, *Les Filles de Marbre*, apresentava-lhe o juizo critico d'essa composição, que o não tinha commovido muito, por lhe *não ser inteiramente nova a idéa de corações de marmore!*

Maria não respondeu, nem a carta exigia resposta.

Eduardo morria com desejos de a ir ver; mas o seu orgulho offendido... Orgulho no amor! era o que devia comprovar aos olhos de Maria a verdade e a nobreza d'esse sentimento!

Uma circustancia, porém, ainda que bem triste, proporcionou a Eduardo occasião favoravel — a visita de *pesames*, que o dever lhe impunha, a uma familia muito das relações de Maria. N'aquelle primeiro dia de lucto, Maria devia ter ido acompanhar as suas amigas. Acertou: ella estava lá.

Eduardo tinha feito como as velhas: disfarçar na novidade dos atavios a antiguidade do coração. Ia elegante, ligeiro... *quasi borboleta*. Quatro ou seis copos de bom vinho do Porto improvisaram-lhe uma côr lisonjeira, e tal ou qual facilidade de espirito que não desagradava. O fato preto ficava-lhe bem; uma das melhores mantas de João Lourenço, escoceza, e posta *com toda a graça escoceza*, e um superlativo chapeo do Charles, completavam esse todo aparentemente bello e elegante, onde sabemos que estava occulto um coração bem triturado!

Quando entrou, Maria viu-o da sala. Eduardo deixou cair a manta nas mãos de um criado, entrou na sala, cumprimentou, e sentou-se por acaso ao lado de um parente seu, com quem conversou a respeito de tudo excepto do triste assumpto que que ali o levava, em certo som de voz, porém, que Maria ouvisse do logar onde estava.

— Ha ali uma mulher que te lançou uma vista abrasadora! Disse-lhe o parente. Felicito-te.

— Porque? perguntou Eduardo.

— E' um bom casamento.

— Mesquinha razão para felicitar-me!

A continuada entrada e saída dos visitantes mudou a ordem dos logares. Eduardo sentou-se a traz da cadeira de Maria.

Passou n'esse momento uma mulher formosa.

— Não a achas bonita? Perguntou Maria.

— Acho; mas talvez que por amor d'essa belleza, venha a ser bem infeliz. Hade ter muita gente a admiral-a, prompta a adoral-a, e quem sabe se a amal-a! Quando ouvir alguma vez uma confissão d'amor, terá ella certeza da causa que a promove? Hade geralmente ouvil-as pouco verdadeiras! a belleza illude muito! A influencia que parte do espirito é mais exacta, é mais duradoira. O espirito d'uma mulher não cega tanto... mas atrahê... mas prende muito mais!

.....
Esta pequena circustancia, que talvez pareça de pouco valor, decidiu, porém, do coração de Maria, como depois se verá por uma carta sua. Depois da ausencia, o primeiro momento em que vemos uma pessoa que a assiduidade tornara quasi

(*) Do num. 5.

um accidente natural da nossa vida quotidiana, marca sempre o grau de estima que despercebidamente lhe concediamos.

Oito dias depois d'esta lugubre entrevista, e seis annos depois do baile em que Eduardo sentiu que amava Maria, esta entendeu que era tempo de responder-lhe.

Eduardo, abrindo um livro que lhe emprestara e que ella lhe remetia, viu cair a seus pés aquelle bilhete que já lemos n'uma das paginas do seu *album*.

E que amor tão verdadeiro devia ser esse em cujo estudo uma mulher empregou seis annos!

Ao ler a resposta, que tanto tempo depois viera satisfazer a pergunta, Eduardo, se fosse poeta, teria sem duvida exclamado:

«Eis-te comigo, sonho amigo d'alma,
«Esp'rança minha e meu pensar constante!»

Mas o amor verdadeiro é muito exigente!

— Como?! sem outro motivo senão uma carta de *rapaz* em que lhe dizia que me divertia muito; em que lhe mandava um juizo critico das *Filles de Marbre*, feito com estudada minuciosidade, como para lhe demonstrar a frieza do meu espirito no momento em que lhe estava escrevendo; lembra-se de responder á confissão d'um amor ido; sobre o ter a vaidade de julgar que morro por ella? Sinto agora mais do que nunca vivo o desejo de saber se tinha a modestia de duvidar dos meus sentimentos! Queria que me tivesse obrigado a falar-lhe d'elles; a descrever-lh'os com as mesmas côres de ha seis annos; a pedir-lhe uma resposta; um sorriso sobre a minha existencia; uma lagrima sobre o meu coração! Seis annos d'amor; esperando sem desesperar, para uma resposta d'estas, e ainda tão vacillante; ainda tão duvidosa?... Que penso eu!? será isto acaso uma experiencia! E! E que devo então fazer? experimentar tambem.

As *Memorias do diabo* estavam ali. Eduardo copiou em duas ou tres cartas quasi todo o capitulo do *amor virgem*.

Maria não tinha lido aquella obra; mas as cartas de Eduardo pareceram-lhe tão ardentes que a obrigaram a duvidar da sua verdade. Lisonjeio-me muito das tuas expressões, dizia-lhe ella; mas receio que na descripção do teu amor haja mais imaginação do que sentimento! Chamas-me coisas que eu não sou: nem anjo, nem formosa. Perdoa perguntar-te, onde estavas tu quando me escreveste?

E n'outra carta, acrescentava:

... Olha, querido meu que n'estas coisas da vida, tudo quanto excede o que temos a consciencia de merecer, torna-se suspeito! Eu amo-te muito; como porém não sinto disposição alguma para enlouquecer por ti, parece-me impossivel que tu andes louco por mim!

Por estas expressões, acreditou Eduardo que Maria o amava: a vaidade de que a accusara ficou inteiramente destruida pelas justas reflexões que lhe fazia agora. A correspondencia tornou-se regular, e as *Memorias do diabo* deram logar ás *memorias do coração*.

... Quando o dia me corria alegre no seio da minha familia—escrevia ella—e eu não tinha contra a sorte senão o resentimento d'aquelle golpe que me roubou meu pae, faltava-me não sei o que... um complemento d'essa felicidade, inexplicavel... que eu procurava em tudo, sem o achar em nada! Pensava; era um sonho que sonhava, e que sonhando sabia o que era; mas que acordando não sabia explicar! Trazia-me, não sei porque, felicidade a noite. Era como se eu esperasse alguém, que não esperava. Quando te sentavas, algumas vezes, proximo de mim, sentia-me bem ali. Se fallavas, gostava de ouvir: se lias, interessava-me pela leitura. E quando o relójo batia meia noite, que hora aquella! porque estremecia o meu coração? já a sala estava deserta, esperava-me a criada, e que esperava eu ainda?...

«Durante os trinta dias que não appareceste, querido—que dias esses!—soffri muito. Esperava ansiosa a noite, e a noite não me trazia senão trevas! Appellava para o dia, e o dia corria-me triste. Eu não sabia o que tinha; ou para melhor dizer-te, o que me faltava. Porém quando te vi

pela primeira vez depois d'aquelle periodo de ausencia, meu Eduardo... o coração fallou tão alto que não pude deixar de o ouvir! Eu amava-te. Já vês que não foi tão repentino este amor, como julgaste! Desde aquella celebre noite em casa de... que eu te amava sem saber. Amei-te assim muito tempo!... o coração balbuciava um nome... se eu era tão creança!... depois, quando me considerei mulher, articulou-o com força!

«Não sabes tu porém um receio que me abala? um medo... sem fundamento, convenio, de que tremo!? Não me chames supersticiosa, não? que o não sou! Heide ser forte! mas no momento em que o meu coração soube articular o teu nome, Eduardo, tudo era lucto em roda de nós! e caíam lagrimas...»

Este amor entrava na primeira phase da seriedade: era um amor vendado que Eduardo com imprudencia desvendou.

Mas, considerava elle, que todo era receios ainda e todo escrupulo; se este sentimento é illusorio?... Suppunhamos que não é. Que papel represento eu, que não tenho um futuro social, accetando este coração innocente que por amor de mim se desvia d'algum destino melhor? Além d'isso, amo-a tanto, que só accetarei d'ella um sentimento positivamente igual ao que me inspira! Subjeitamos-lhe pois este amor, que me confessa, ás primeiras difficuldades; ás primeiras decepções...

E Maria respondeu-lhe:

«... não me falles assim! que se este amor contrariasse a vontade de alguém, e que esse alguém viesse... Oh! eu não sei o que faria!... Quanto ao futuro... Eduardo, para que me fallaste d'elle? Era um sonhar tão meigo este amor... hoje é viver pesarlo!»

E a esta reflexão tremenda, o amor até ali liberto estendeu os pulsos aos grilhões que a educação lhe impunha!

Assim ficaram estas relações, quando Eduardo foi viajar.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

Uma recordação?....

Aquella que os braços, chamando-me, abria,
D'amor ineffavel sorrindo e chorando....

À terra baixou!

A fronte encostei-lhe no peito já fria,
De rojo prostrado seu nome invocando
Immovel ficou!

—Socega! que o somno que dormes pesado,
Não quero quebrar—meu pranto na face
P'ra logo seccou!

Vesti-lhe a mortalha, sentei-me a seu lado,
Esp'rei uma noite que o somno acabasse...
Té hoje durou!

.....
Mãe! nome bemdito, que a todos revela,
No mundo, a mais bella, mais pura affeição!
Quando hoje o murmuro, lembrado da infancia,
Ai! sinto com ancia crescer-me a paixão!

Mãe, anjo da guarda! quem sabe na vida,
D'uma alma tão qu'rida o amor exprimir?
Amor!... pois se é tanto que o sangue lhe torna
No nectar que entorna do peito a sorrir!

O filho amparando nos passos primeiros
Aos gestos fagueiros sorrisos lhe deu:
E o mundo lhe explica cercando-o de flores,
E ebria d'amores lhe falla do ceo.

Que a vida reparte co'o filho extremada,
Em vel-o empenhada sorrir-lhe e crescer:
Sonhando-o ditoso, feliz, invejado
Na vida cercado d'amor e prazer!

Depois se a doença, que a vida ameaça,
Vem com a desgraça tributo buscar,
Sem prantos off rece co'a vida o tributo;
Que ao filho no lucto prefere deixar!

.....
E o tum'lo fechado... p'ra sempre fechado,
Deixou-me isolado... sem mãe me deixou!
Sem ella, as esp'ranças que d'alma nasciam,
Já todas resfriam... já tudo acabou!

Mãe! anjo da guarda, quanto eu hei soffrido
Por ter-te perdido... contar-te não sei!
Recibe esta corôa singela de flores,
Saudades e dôres, que todas passei!

Mãe! nome bemdito, que a todos revela
No mundo a mais bella, mais pura affeição!
Quando hoje o murmuro, lembrado da infancia,
Ai! sinto com ancia crescer-me a paixão!

ALFREDO HOGAN.

Rio de Janeiro, 21 de Novembro de 1855.

Não ames.

Dizia uma velha, zombando das flores,
—O demo maldito quão feio não é!...
Que o tempo perdido com sonhos d'amores
Mais vale uma reza rezada com fe!

Eu digo-te o mesmo que a velha dizia:
—Não ames—se queres contente viver:
Eu sei hoje os contos que a velha sabia:
Não queiras, donzella, taes contos saber!

Cuidado! Cautela... cautela c'o o demo,
Maldito! tem artes que fazem cegar!
Por mim já te digo que o negro não temo;
Negocios comigo não quer já travar.

Eu dei-te um conselho que é todo verdade
—Que as velhas, coitadas, não sabem mentir—
Cuidado, cautela... pois tens essa edade,
Que o demo maldito mais sabe illudir!

ALFREDO HOGAN.

Resposta.

Marcos de legua porque nunca se encontram
dois juntos.

Continua a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE BRAGA.

Concelho de Fafe.

III.ªs Srs.

Travessô — Joaquim Alvares Cardoso.
Dito de Guimarães.

S. Torquato — Antonio Joaquim d'Oliveira Carvalho de Mattos.

Dito de Povoá de Lanhoso.

Verin — Luiz Manuel Pereira de Sousa Machado.
Dito de Terras do Bouro.

S. João de Rio Caldo — Bento José Dias Lopes.
Dito de Vieira.

Salamonde — Francisco Lopes Pereira.
Ruivães — André Paulo Fortunato Pereira de Campos.

Dito de Villa Nova de Famalição.

S. Cosme — Bento Joaquim de Lemos.
Dito de Villa Verde.

Novogilde — Manuel Joaquim Soares.
Dito de Amarante.

Gondar — João Teixeira Alves.
Dito de Baião.

Teixeira — Carlos Moreira de Sequeira.
Dito de Bouças.

Leça do Balio — Antonio de Sousa Ferreira Queiroz.

Dito de Felgueiras.

Unhão — Manuel Pereira de Sampaio e Castro.
Dito de Gaia.

Seixezello — Joaquim Pereira do Couto.
Dito de Lousada.

Meinedo — Antonio Machado de Miranda.
Dito de Povoá de Varzim.

Miragaia — Antonio Joaquim d'Oliveira Nascimento.

Dito de Maia.

Milheirós — João Lourenço de Sá.
Continua.